

**VIAGENS DE INTERCÂMBIO NAS NEGOCIAÇÕES IDENTÁRIAS:
UM ESTUDO DOS INTERCAMBISTAS ESTRANGEIROS NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Lucas Gamonal Barra de Almeida¹

Humberto Fois Braga²

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as identidades em trânsito dos intercambistas estrangeiros da Universidade Federal de Juiz de Fora, compreendendo os discursos desses personagens e suas inquietações. Após as discussões teóricas sobre os conceitos de identidade nacional e a formação da “comunidade imaginada”, passa-se para uma discussão sobre o conceito de viagens de intercâmbio e seu significado na sociedade contemporânea. Finalmente, são apresentadas as reflexões derivadas a partir das entrevistas semi-estruturadas realizadas com os alunos da disciplina “Português para Estrangeiros”, oferecida pela Faculdade de Letras da UFJF. Assim, compreende-se como estes intercambistas negociam as diferenças e semelhanças entre os seus países de origem e o Brasil que lhes acolhe. Percebe-se, com isto, que o olhar de fronteira lhes possibilita transitar entre estes espaços do aqui e do lá sem polarizar e essencializar os discursos. O artigo, então, se justifica pela importância que os intercâmbios estão assumindo na nossa sociedade, ainda mais em um momento em que as universidades públicas ampliam seus diálogos com estudantes e instituições de outras nacionalidades.

Palavras-chave: Identidade; Hibridização cultural; Intercâmbio; UFJF.

¹ Bolsista do Grupo de Educação Tutorial - Turismo/UFJF. Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: lucasgamonal@hotmail.com.

² Professor Assistente I no Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui graduação em Turismo pela UFJF (2004), especialização em "Estudos Literários" pela UFJF (2010), master II em "Industries du Tourisme", na linha "Gestion des Organisations Touristiques" pela Université de Toulouse II (Le Mirail) (2005) e mestrado em "Comunicação e Sociedade", na linha "Comunicação e Identidades", pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (2009). E-mail: humberto.fois@ufjf.edu.br ou humfois@gmail.com.

INTRODUÇÃO:

As viagens de estudo, conhecidas muitas das vezes como intercâmbio, além de trazerem benefícios múltiplos aos viajantes, também contribuem na construção dialética da identidade e da diferença. Neste sentido, tais viagens de intercâmbio, algo no limiar entre o turista de passagem e o imigrante que se estabelece, constroem comunidades imaginadas que fortalecem o senso de pertencimento a uma nação ao mesmo tempo em que problematizam a identidade nacional ao permitir a vivência de trocas em âmbito global.

Sendo assim, o presente trabalho busca problematizar, para melhor compreender, como os intercambistas estrangeiros, estudantes na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), negociam as representações identitárias entre o Brasil e seus países de origem, ao mesmo tempo em que constroem estratégias de afirmação e pertencimento enquanto sujeitos deslocados em uma nação anfitriã.

Para tal, uma pesquisa qualitativa, pautada em entrevista semi-estruturada, foi realizada no dia 05 de setembro de 2011, na disciplina “Português para Estrangeiros”, cursada obrigatoriamente por todo estrangeiro que não venha de um país lusófono. Sendo lecionada pela Faculdade de Letras e tendo como professora a Dra. Denise Barros Weiss, as falas dos alunos intercambistas foram gravadas em áudio com 1 hora de duração. Posteriormente transcritas, tais falas possibilitarão as análises que serão aqui discutidas.

No total, participaram da atividade 07 intercambistas, assim divididos por nacionalidade: 02 alemãs, 01 norte-americano, 01 francês e 03 japoneses.

Assim, partindo-se de uma compreensão sobre a construção das nações enquanto “comunidade imaginada”, chegaremos às discussões sobre o papel dos intercâmbios nestes processos imbricados que geram o local-nacional-global. E, com a aplicação da pesquisa mencionada, propomos trazer reflexões alavancadas por um grupo de intercambistas que vivenciam a brasilidade enquanto “cultura em trânsito”, pautada no estranhamento e no posicionamento identificatório.

CONSTITUIÇÃO DO SENSO DE PERTENCIMENTO À NAÇÃO E AO LUGAR

De acordo com Bauman (2005), o discurso da identidade nacional começou a ocorrer a partir do Estado-Nação moderno, quando este buscou unificar as “comunidades da vida” – as diversas regiões que vinculavam grupos sociais a um território de origem – para criar um discurso nacional, ou seja, uma “comunidade de destino” – baseadas em questões ideológicas, sendo, por isto mesmo, ficcional.

Tal identidade ideológica precisou estipular medidas severas e coercitivas para diferenciar o “eu” do “outro”, fazendo com que os indivíduos desenvolvessem interesses e patriotismo para participar do movimento nacional. Assim, o “Estado”, referência paterna (coercitiva e das leis), e a “Nação”, que remete ao

símbolo materno (acolhimento, bem-cuidar e harmonia), se unem para gerar os “filhos da pátria”, ou seja, todos nós, cidadãos de uma territorialidade cujas fronteiras são marcadas simbolicamente.

Como Anderson (1989, p. 15) complementa, as comunidades somente são distinguidas “pelo estilo em que são imaginadas”, o que nos permite dizer que não é uma diferenciação objetiva, mas subjetiva e móvel, dependente dos grupos que as constituem. Então, fica claro que é o fator sentimental (emocional e instável) que estrutura a imaginação dos habitantes de uma comunidade, em um jogo discursivo da diferença, onde somos aquilo que os outros países – outras “comunidades imaginadas” – não são.

Enquanto construção social, a nação precisa legitimar um discurso que a narre: somente contando uma história – ficcional (BAUMAN, 2005), ideológica (ORTIZ, 2003), imaginada (ANDERSON, 1989), sentimental (WEBER, 1982) – sobre si, é que ela será capaz de ser compartilhada pela comunidade que se encontra sobre sua tutela. Em suas definições, os autores unem a visão abstrata do nacionalismo (sentimento e imaginação) à objetividade da nacionalidade, expressa pelas preocupações de fronteiras – um limite físico (embora elástico) – e pelas políticas que fornecem a soberania nacional em relação às outras nações (ANDERSON, 1989).

De ficcional, já que sobreposta às comunidades da vida, a nacionalidade passou a ser vista como essencial, como se fosse biológica, de nascença,

o que permitiu que, diferentemente das outras identidades, se impusesse soberana, não admitindo competidores: todas as outras identidades, sempre secundárias à nacionalidade, eram permitidas, toleradas e oficializadas desde que não colidissem com seus interesses (BAUMAN, 2005). E isto se deveu primordialmente ao aparato simbólico que criou lealdade entre os membros que compartilhavam do mesmo discurso (HALL, 2006a).

Ortiz (2003) argumenta que a memória coletiva está vinculada à tradição e ao mito, devendo ser vivida enquanto prática cotidiana por um grupo social particular, pois ela se mantém através de sua constante atualização em rituais e manifestações. E, devido à diversidade de grupos sociais, pode-se afirmar que existe uma pluralidade de memórias coletivas.

Por sua vez, a memória nacional é uma construção ideológica, pois transcende os indivíduos e busca unir os diferentes grupos em torno de uma universalidade. Para tanto, ela pretende se sobrepôr às coletivas, transformando-se em única. Todavia, ao pertencer a todos e a ninguém ao mesmo tempo, sua existência é virtual, não podendo ser vivida no cotidiano.

Observamos com isto que a memória coletiva se vincula às práticas concretas de uma comunidade real, a “comunidade da vida”. Por sua vez, a memória nacional é estruturada por intermédio de uma ideologia, a “comunidade de destino”.

Para Ortiz (2003), a ideologia do nacional busca unificar os diferentes mitos coletivos em torno de um discurso orgânico. Tal narrativa

discursiva, que seleciona diferentes elementos das memórias locais, gera uma bricolagem capaz de abarcar uma identificação universal (comum a todos) sobre a nacionalidade.

Se observarmos, veremos que o nacional passa antes pelo regional – um passar que não significa união, mas seleção de diferentes narrativas regionais a serem projetadas em um discurso costurado nacionalmente: ninguém nasce em uma nação, mas, sim, em um lugar preciso e definido pelas relações sociais de seus familiares.

Consequentemente, se nem tudo de todas as regiões podem emergir como referências nacionais, deduzimos que a visão da identidade nacional como sendo unificada esconde, em si, questões mais complexas, pois sempre há um jogo de poder que subordina alguns elementos culturais em detrimento de outros. Neste contexto, há sempre um processo de supressão forçada de uma cultura em relação à outra, e somente o passar do tempo poderá fazer com que estas disputas sejam esquecidas (HALL, 2006b). Enfim, as regiões contribuem de forma não homogênea para a constituição e narração da identidade nacional, pois haverá espaços territoriais cujo imaginário se apresentará mais sintonizado com o discurso sobre o nacional do que outros.

Hall (2006a) afirma que o resgate deste passado a ser narrado nacionalmente obedece aos interesses do presente, o que nos permite dizer que existem forças atuais, e portanto mutáveis, que fazem com que determinados elementos do passado

sejam aceitos, alterados, esquecidos de acordo com as necessidades vigentes. Então, embora a nacionalidade se apresente aos seus membros como sendo naturalizada, não podemos nos esquecer que ela é um processo histórico sujeito às condições de uma época e de seus grupos formadores de opinião (os “artífices da nação”). E, por isto mesmo, tal construção do imaginário nacional é também instável e mutável em seu conteúdo.

INTERCÂMBIO COMO REFLEXO DA SOCIEDADE GLOBALIZADA

Considerando a instabilidade na formação do imaginário nacional, temos, como argumenta Hall (2006a, p. 67), um complexo de processos e forças de mudança – termo sintetizado por “globalização”, como o principal fenômeno motivador das constantes transformações. Então, como uma de suas principais consequências, pode-se afirmar que: “as identidades nacionais estão em declínio mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (HALL, 2006a, p. 69). Essas identidades nacionais estão, pois, dispostas em uma nova roupagem, sofrendo alterações em seus elementos. A planificação do globo e a “diminuição” das noções de tempo e espaço impulsionam essa dinâmica.

O fenômeno da globalização também é apontado como um dos principais fatores para o surgimento e, principalmente, pela manutenção do grande número de viagens de intercâmbio em todo o mundo. Conforme analisa Mota (2009), a valorização do capital intelectual e

humano em detrimento do capital financeiro e, em consequência, a migração do maior número de empregos para o setor de serviços, fez com que a busca por uma noção de diferenciação frente a esse contexto se tornasse ainda mais forte, fomentando um maior número de viagens de estudos e intercâmbio. Na realidade, podemos pensar que o turismo de intercâmbio, ao mesmo tempo em que se apresenta como reflexo é também um agente que movimenta e induz a globalização.

Entretanto, a associação entre a realização de viagens e a obtenção de enriquecimento intelectual e cultural não tem seu surgimento na contemporaneidade. Conforme descrito no caderno do Ministério do Turismo “Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas” (BRASIL, 2010), essas viagens já eram fenômeno típico da cultura européia do século XVIII, associadas à complementação de estudos e aumento da bagagem cultural, através da circulação de estudantes (viajantes) entre os diferentes países do Velho Mundo. O *Grand Tour*, como era denominado, estava ligado, também, a uma noção de status social, pois somente o jovem da aristocracia poderia ser um *grand tourist*. Com o passar do tempo, a idéia tornou-se mais popular e relacionada, ainda, à formação de jovens capazes de liderar, governar e fazer progredir seus destinos de origem. Alguns autores, conforme relata Sebben (2007), vão além e afirmam que os intercâmbios surgem juntamente com o conceito de universidade, nos séculos XII e XIII, devido à necessidade de se deslocar até os locais tidos como referências

em determinadas áreas do conhecimento. Sem considerar pontualmente quando e como surgiu esta modalidade de viagem, é certo que o turismo de intercâmbio se adapta ao contexto das diferentes épocas, ainda que sua base (viagens direcionadas aos estudos e conhecimentos de outras culturas) continue a mesma.

O Brasil, através do Ministério do Turismo (MTur) e parcerias, atua na estruturação e promoção deste segmento através de diversas ações, como expresso no caderno “Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas” e no manual técnico de operações do projeto “Desenvolvimento do Destino Referência do Turismo de Estudos e Intercâmbio em São João del-Rey/MG – Brasil”. Ambos os materiais expressam pontos fortes na formatação e consolidação do país como destino de intercâmbios, ressaltando, por exemplo, a possibilidade de solução para os períodos de baixo fluxo de visitação turística nas localidades.

O MTur e seus parceiros buscam analisar o turismo de intercâmbio e educacional em linhas gerais e, feito isso, elaborar noções-base para o desenvolvimento do segmento no país. Destacada sua importância para o crescimento, fortalecimento e consolidação de destinos brasileiros, é enfatizada a grande necessidade de articulação da esfera pública, privada e da sociedade civil, pois

Essa integração é que garantirá sustentabilidade de um trabalho conjunto que possibilitará a formulação de políticas e a implementação de programas,

valorizando a educação e a identidade culturais brasileiras, divulgando a oferta acadêmica do país, formatando programas educacionais, envolvendo os diferentes atores e organizando os serviços necessários para a acolhida de estudantes internacionais (BRASIL *et BELTA*, 2009, p. 15).

E, dentro desta visão do governo brasileiro, podemos pensar que o turismo de intercâmbio tem forte potencial de desenvolvimento nas universidades públicas, uma vez que estas servem como espaço privilegiado de trânsito a partir da mobilidade acadêmica.

Neste sentido, desde 2006³, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) oferece intercâmbio entre estudantes brasileiros e universidades estrangeiras e vice-versa. Para que os estudantes brasileiros participem do programa é necessário que cumpram uma série de requisitos dispostos em edital de seleção, que ocorre anualmente. O edital determina, principalmente, que o candidato seja aluno regular da UFJF e tenha conhecimento comprovado no idioma aceito pela instituição estrangeira de destino – através de certificações internacionais de proficiência na língua estrangeira. Cumpridas as exigências do edital e seleção, o candidato deve, ainda, ser aprovado pela instituição de ensino superior estrangeira, para que então receba sua carta de aceitação e inicie os procedimentos burocráticos para a realização da viagem.

A Secretaria de Relações Internacionais da UFJF, por meio do Programa de Intercâmbio Internacional e de projetos de parcerias universitárias binacionais, também recebe estudantes de graduação e pós-graduação estrangeiros provenientes de universidades parceiras, que podem estudar na UFJF por um ou dois semestres letivos. Os candidatos devem ser oriundos de alguma instituição estrangeira que possua convênio com a UFJF, apresentar seus dados pessoais, o período previsto para a duração do intercâmbio, o curso da universidade de origem e a área de interesse para estudo da UFJF.

Com a aceitação do aluno estrangeiro por parte da Universidade Federal de Juiz de Fora, o aluno pode solicitar seu visto de estudante e, em seguida, vir a se tornar um aluno regular no Brasil. Com a chegada do aluno, a SRI-UFJF solicita, também, as devidas comprovações de legalidade em relação aos documentos que o estudante deve portar, bem como documento original comprovando seguro saúde válido para todo o período do intercâmbio. Além de atuar verificando as obrigações legais, a Secretaria procura auxiliar os alunos estrangeiros na busca por uma moradia na cidade hospedeira – uma vez que não possui alojamentos para estudantes – e bem lhes acolher, realizando eventos de recepção e oferecendo, em parceria com a Faculdade de Letras, a disciplina regular de “Português para Estrangeiros”.

Podemos compreender que a disciplina em questão, sendo freqüentada por estrangeiros, é um

³ Dados obtidos no site da Secretaria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora: <http://www.ufjf.br/cri>.

espaço de socialização em três âmbitos: ao mesmo tempo em que os alunos se aprofundam na língua portuguesa (e isto lhes gera uma imersão na cultura brasileira), também passam a se (re)conhecerem (n)os demais intercambistas que se encontram em mesma situação, além de se (re)conhecem como diferentes dos brasileiros a partir da identidade cultural confrontada/diferenciada com a do seu país de origem.

IDENTIDADES E DIFERENÇAS NAS FALAS DOS INTERCAMBISTAS ESTRANGEIROS DA UFJF

Conforme já abordado, e como argumenta Stevens (2007), múltiplos determinantes e diversas posições do sujeito são importantes na formação de nossa identidade, que se constrói principalmente a partir da noção de pertencimento. Observa-se que as concepções tradicionais de nação e sujeito já naturalizadas vêm sofrendo alterações a partir das dinâmicas contemporâneas e, com isso, o conceito de identidade também tem sofrido diversas transformações. Indo além, conforme apontam estudos correlatos com a psicologia, a identidade não é configurada a partir da nossa dimensão racional, mas se forma e se transforma a partir de aspectos inconscientes.

Os teóricos pós-modernos, como Foucault e Derrida, tidos como base das idéias apresentadas por Stevens (2007), indo contra às idéias do Iluminismo de um sujeito racional, centrado e indivisível, apontam que

(...) o sujeito pós-moderno tem identidade descentrada, fragmentada, construída por muitos registros que

não estão necessariamente em harmonia. Sem identidade fixa, essencial, o sujeito pós-moderno constrói-se discursivamente, através de sistemas de significação e representação cultural que não fixam significados finais; sua linguagem é polifônica, também perspectivada pelas várias posições do sujeito produtor desses significados (STEVENS, 2007, p. 47).

As viagens e migrações, nesse contexto de significações, têm forte representação na formação dessa identidade plural e instável. Mais especificamente as viagens de intercâmbio, que permitem uma imersão do indivíduo em um novo contexto, por um determinado tempo e com a premissa do retorno. Pode ser observada no intercambista uma grande aproximação com o imigrante, sendo, porém, essa a sua principal diferença: apesar da imersão no destino e a necessidade da criação de laços, o intercambista determina a data em que esse mergulho na localidade e nas relações será finalizado, enquanto o imigrante não faz isso.

A fim de ilustrar as idéias aqui propostas é apresentada a pesquisa realizada com os intercambistas estrangeiros da Universidade Federal de Juiz de Fora, contribuindo para o enriquecimento e reflexão acerca do processo de hibridização cultural decorrente das viagens de intercâmbio. Todas as análises levarão em conta o contexto vivido pelos estudantes na cidade de Juiz de Fora, sendo aplicado a uma visão do país como todo.

O primeiro aspecto a chamar a atenção dos entrevistados está na recepção dos brasileiros e a hospitalidade das pessoas em geral, considerada como aspecto positivo para todos os intercambistas, que até mesmo se espantam e contrastam fortemente com o que se têm como realidade em seus países de origem. A fala de um dos entrevistados, norte-americano, expressa bem o que sentiram: “Eu acho que os estudantes aqui e as pessoas na rua são muito *ajudantes*⁴” (Scott, norte-americano, 21 anos). Nesse momento foi abordada a diferença com relação às pessoas de seus países de origem, que foram retratadas como sérias e fechadas. Assim, vemos a construção da identidade pela diferença: neste aspecto, o interlocutor (norte-americano) desqualifica sua nacionalidade e alavanca a brasilidade.

Nesse discurso está presente a afirmação de alguns estereótipos sobre as identidades européia, norte-americana e brasileira. Europeus e norte-americanos são abalizados introvertidos e pouco abertos para o contato com estranhos, principalmente quando esses estranhos são estrangeiros. Já sobre os brasileiros, foi abordada a grande hospitalidade de seu povo, sempre alegre, e também o discurso de tranquilidade presente no cotidiano, mesmo em um cenário tão desfavorável. Alguns deles chegam a apontar que querem aprender com os

brasileiros e serem assim também em seus países de origem.

Eu *quisera* levar mais relaxamento e mais desse jeito brasileiro que eles não reclamam das coisas. Eu queria levar para a Alemanha, mas é difícil mesmo porque os alemães gostam muito de reclamar e eu também gosto. É difícil dizer isso porque eu acho que na Alemanha as coisas não funcionariam assim. Na Alemanha seria melhor se a gente não reclamasse tanto igual aqui. É melhor não reclamar. (Nora, 20 anos, alemã).

Eu acho muito legal aqui o tratamento de tempo. Aqui eu nunca fiquei estressada. Lá eu faço muitos planos, para cada 10 minutos, às vezes. Não tenho muito tempo e as coisas têm que voar. Aqui você faz o que você precisa fazer e você leva o tempo que precisa. Não vale a pena se encher. Eu acho isso muito melhor. (Anna, 26 anos, alemã).

Com relação às falas sobre a maior disponibilidade de tempo, há que se chamar a atenção sobre a viagem como quebra da rotina e fuga do cotidiano e, por essa razão, a criação dessas noções observadas nas falas das estudantes alemãs. Em seus países, em suas rotinas, os estudantes têm que se preocupar com questões que acabaram por deixar de lado temporariamente quando decidiram realizar seu intercâmbio.

Sobre a ruptura de estereótipos podemos falar sobre a questão climática. Alguns dos intercambistas disseram imaginar que o Brasil apresentasse somente altas temperaturas e que por isso não

⁴ Em nosso estudo, manteremos as estruturas semânticas expressas pelos entrevistados, pois acreditamos que elas nos ajudam a compreender a identidade híbrida de tais intercambistas, que constroem, em suas falas, uma língua portuguesa em trânsito.

estavam preparados para a época de baixas temperaturas: “(...) *roupa frio*, porque aqui em Juiz de Fora é muito frio e eu achava que o Brasil era quente” (Shiori, 20 anos, japonesa). Tendo consciência da situação de ter o estereótipo naturalizado, a estudante abordou o tema de forma extrovertida, como algo irônico.

Outro ponto bastante presente nas falas dos entrevistados se refere à dinâmica organizacional do país, que é apontada como uma das principais diferenças entre as nações. A hierarquia dentro da universidade – relação entre professores e alunos –, o cumprimento de horários marcados – seja em compromissos entre as pessoas, aulas ou sobre o transporte público – e até mesmo a sinalização pública causaram grande estranhamento, outro ponto que pode ser relacionado à afirmação de estereótipos sobre a imagem brasileira no exterior.

No contato com os entrevistados outro mote chamou bastante atenção: o grupo de intercambistas, vindos de todos os países, tende a permanecer junto na cidade, criando uma espécie de comunidade. Observa-se a noção de solidariedade dentro desse grupo, uma vez que estes estrangeiros se identificam enquanto “deslocados” da brasilidade e, então, buscam se apoiar ao construírem uma rede de amizade entre si, nos moldes de um grupo de auto-ajuda para o enfrentamento do estranhamento de intercâmbio (RAMOS, 2003).

Há poucos relacionamentos com a comunidade local, uma vez que muitas vezes é difícil estabelecer o contato inicial e, mais ainda, contatos que

garantam a manutenção dessas relações, dando-lhes continuidade.

Eu gosto de recomendar que tenham mais coragem, porque muitas vezes a gente não tem muita coragem de dizer “oi”, falar com a pessoa. Assim: “posso almoçar na sua casa?”, pois também não gosto de me convidar, eu gosto mais que eles me convidem. Então, eu acho que assim você faz mais amizades também. Também convivo com brasileiros, porque na verdade meu namorado também é brasileiro, mas acho que para fazer amizade mesmo você sai com a pessoa, quando você faz muitas coisas com a pessoa – não sou muito de sair para festas, porque acho muito superficial. Então acho que para ter aquele contato é necessária muita confiança mútua, então você precisa de muito tempo. Um semestre talvez seja pouco tempo, seria melhor dois semestres (Nora, 20 anos, alemã).

Nora levanta um ponto já abordado: nesse tempo determinado de imersão do intercâmbio, as relações também têm data para serem finalizadas e, muitas vezes, esse tempo não é o suficiente para que se aprofunde tanto quanto o desejado. Em contrapartida, por viverem situações semelhantes às de seus companheiros intercambistas, é esse o motivo das grandes aproximações, uma vez que aqueles que estão recebendo os estrangeiros permanecem em suas rotinas, não tendo tempo para criar e aprofundar esses laços.

Os intercambistas japoneses apontaram, ainda, a importância da experiência de serem independentes, vivendo sozinhos em outro país, porque assim como os brasileiros,

permanecem mais tempo morando com seus pais. Os europeus e norte-americanos, nesse ponto, levantam o estranhamento sobre essa relação de dependência que os jovens do Brasil possuem, pois é comum nos países da Europa e América do Norte que os jovens saiam de casa bastante cedo, quando se mudam para a realização de seus estudos ou mesmo para trabalhar.

Como forma de finalizar o debate proposto foram abordadas as transformações que o intercâmbio já havia causado em suas vidas e as expectativas para o cenário de pós-viagem. Sobre esses aspectos, então, todos eles descreveram ver a oportunidade de se desenvolver enquanto indivíduos e em suas carreiras, apontando o domínio da língua portuguesa como possível diferencial frente ao mercado de trabalho.

Tomando como base os conceitos teóricos apresentados e sua aplicação ao cenário exposto pelos intercambistas estrangeiros da UFJF, podemos obter algumas confirmações. A identidade descentrada, instável e flexível está sempre aberta ao que pode transformá-la. Vivendo situações tão diferentes de seu contexto local durante a viagem de intercâmbio o indivíduo tem essa abertura maximizada, pois o fluxo de informações que recebe é ainda mais intenso quando comparado ao de seu local habitual.

É justamente a saída da zona de conforto o que diminui ainda mais as barreiras que poderiam impedir a transformação do sujeito, que é envolvido, ainda que de forma

inconsciente, pela dinâmica da hibridização cultural. A partir do contexto vivenciado, há o início de um jogo de poder, que flui envolvendo tudo o que se relaciona no encontro da tríade *visitante-anfitrião-meio*. A partir desse jogo de poder surge a terceira via cultural, um terceiro sujeito que não se configura mais com a roupagem anterior e que também não permanecerá intacto, pois os processos causadores de transformação atuam de forma contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Se “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2006b, p. 62) embora, normalmente, tente-se estabelecer um discurso de padronização, de “um único povo”, então, podemos pensar que esta hibridização na diferença ocorre também via intercambistas, que ao retornarem de suas viagens trazem, consigo, novas experiências e vivências que lhes despertam um novo olhar para além de suas “comunidades imaginadas”. Olhando e experimentando o distante, estes cidadãos de uma nação, enquanto intercambistas, cruzam fronteiras e, inevitavelmente, ajudam, por um lado, a hibridizar seu país origem e, do outro, auxiliam na construção de uma cidadania global.

Um reflexo deste processo cultural pode ser percebido pela apropriação e negociações que os intercambistas desenvolvem com a língua do país que lhes acolhem: no sotaque e nas construções semânticas, vem expressa uma relação entre o que se

trazia como (na) bagagem e o que se está adquirindo em suas vivências.

No caso dos intercambistas estrangeiros da Universidade Federal de Juiz de Fora, percebemos também que a relação entre identidade e diferença permeia todo o discurso. Em alguns momentos, posicionam seus países de origem no pólo negativo das relações, já em outras falas trazem um saudosismo que inevitavelmente posiciona as características da sua Pátria-Mãe no viés positivo em relação à brasilidade. Isto nos chama a atenção pois, contrariamente ao que poderíamos imaginar, estes intercambistas (enquanto viajantes na fronteira) conseguem lançar um olhar crítico entre o lá e o aqui, e não conseguem se posicionar de forma naturalizada (essencializada) sobre as características dos países envolvidos nos discursos. Compreendemos positivamente esta instabilidade e oscilação entre identidades nacionais.

Creemos que este trabalho aqui exposto, em outra oportunidade, poderia ser alavancado a partir de algumas vertentes, como um aprofundamento na compreensão sobre a rede de solidariedade criada entre os estrangeiros em intercâmbio. Também poderíamos direcionar nossas análises para uma pesquisa com ex-intercambistas, para assim vermos como estas negociações identitárias são de fato vividas no retorno ao lar. Finalmente, seria oportuno realizarmos uma pesquisa que nos possibilitasse comparar os níveis de experiências de um intercâmbio com outras modalidades de viagens, tais como as de mochileiro e as de turismo de massa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Ed. Ática, SP: 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- _____; BELTA, Brazilian Educational & Language Travel Association. **Manual Técnico de Operações de Estudos e Intercâmbio**: Destino Referência São João del-Rei/MG. Brasília: Ministério do Turismo; São Paulo, SP: BELTA, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006a.
- _____. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006b.
- MOTA, Keila Cristina Nicolau. *Turismo de Intercâmbio*. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Orgs.). **Segmentação do mercado turístico**: estudos, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2003.
- RAMOS, Silvana Pirilo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais**: o bem receber e o bem ser recebido. São Paulo: Aleph, 2003.

SEBBEN, Andréa. **Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2007.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *IMAGI-NAÇÕES. Literatura e identidades migrantes*. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti [*et al.*]. **Migração e Identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. LTC, 1982.